

Para economista, interrupção é só transitória

Hugo Penteado diz que o acordo com o FMI ajuda o País a superar o problema

FRANCISCO CARLOS DE ASSIS
e PAULA PULITI

O crédito ao Brasil vai voltar, pois a interrupção é transitória. Essa é a opinião do economista-chefe da ABN Asset Management, Hugo Penteado. Além da transitoriedade da escassez do crédito, ele destaca a forma como foi feito o acordo com o FMI, que dá plenas condições de o País passar por esta diminuição de fluxo de linhas tranqüilamente até o final do ano. Ele acha que é necessário tomar um certo cuidado com o comportamento do mercado, "que tem se revelado extremamente exagerado".

Para o ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, o fechamento das linhas de crédito reflete a falta de recomendação das instituições reguladoras internacionais para que os bancos privados mantenham suas linhas de financiamento abertas ao País. Isso não ocorria, por exemplo, nos acordos anteriores entre o Brasil e o FMI, quando os órgãos reguladores – bancos centrais e instituições equivalentes à CVM brasileira – recomendavam a continuidade das linhas de financiamento e proibiam os bancos de lançar as linhas como perdas. "Isso não ocorre agora e vai exigir que o governo brasileiro tenha de conversar com os bancos estrangeiros para que as linhas de crédito sejam reativadas", diz Pastore.

As pequenas empresas exportadoras dificilmente se beneficiarão das linhas emergenciais de financiamento ao comércio exterior anunciadas pelo BNDES e pelo Banco Central. O gerente de Apoio à Comercialização do Sebrae-SP, Luiz Álvaro Bastos, disse que os recursos liberados vão cair nas regras do sistema financeiro, e apenas as grandes e médias empresas têm condições de cumpri-las. "As pequenas não têm acesso aos recursos oferecidos pelo sistema financeiro. As garantias exigidas são impossíveis de dar. Isso sem contar o custo do financiamento, que ainda é muito alto", afirmou.